

**UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE – UNIARP
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU EM
NEUROPSICOPEDAGOGIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL**

GISLAINE APARECIDA BATISTA VENDRAMINI

A INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR

**CAÇADOR
2017**

GISLAINE APARECIDA BATISTA VENDRAMINI

A INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR

Monografia apresentado como exigência para obtenção de nota do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Neuropsicopedagogia e Educação especial, ministrado pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, sob a orientação do Professor Ms. Paulo Roberto Gonçalves.

**CAÇADOR
2017**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que amo e me apoiaram para a conquista deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela determinação e coragem de chegar até aqui, iluminando sempre meu caminho.

A meu esposo André Vendramini pelo incentivo e ajuda no desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu filho André Lucas pelo carinho.

Aos meus pais que sempre me apoiaram.

Ao meu orientador professor Ms. Paulo Roberto Gonçalves pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

E a todos que de uma forma ou de outra me ajudaram e colaboraram em prol do meu sucesso.

“Educar é um exercício de imortalidade de alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais. Entendo assim, a tarefa primeira do educador: dar aos alunos razão de viver”

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho refere-se à inclusão do autista na escola de ensino regular e ao estudo do Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscando apresentar as dificuldades encontradas e como elas ocorrem, as vantagens existentes do processo de inclusão do autista no âmbito escolar e as diferentes abordagens educacionais para o desenvolvimento de atividades em sala de aula, usando atividades inovadoras. Crianças com Transtorno do Espectro Autista tem na família o primeiro grupo sociocultural, onde ocorrem as primeiras formas de afetividade, culturais e sociais. A parceria entre família e escola é muito importante para que ocorra um desenvolvimento positivo da criança. O papel do professor é de grande importância, ele deve ter as condições necessárias para trabalhar plenamente a inclusão. É fato que é de grande importância o papel do professor, pois se o professor exercer de forma incorreta seu trabalho, a inclusão deixará de ser um exercício e passará a ser apenas uma palavra. Como forma de ensino em sala de aula foram estudados os métodos de ensino TEACCH – Tratamento e educação para autistas e crianças com deficiências relacionadas à comunicação, PECS - (*The Picture Exchange Communication System*) - Sistema de Comunicação através de troca de figuras, ABA – Análise Aplicada do Comportamento, e o programa Son-Rise, bem como algumas formas de interação professor / aluno. O autismo continua sendo um distúrbio difícil para as crianças e suas famílias, mas com o tratamento correto, muitos dos sintomas podem melhorar, mesmo que algumas pessoas permaneçam com alguns sintomas durante toda a vida. A maioria das pessoas com autismo consegue viver com suas famílias ou na sociedade.

Palavras-chave: Inclusão, Autismo, Transtorno, Métodos, Ensino.

ABSTRACT

The present work refers to the inclusion of the autistic in the regular school and the study of the Autism Spectrum Disorder (ASD), seeking to present the difficulties encountered and how they occur, the existing advantages of the process of inclusion of the autistic in school and the different educational approaches to the development of classroom activities, using innovative activities. Children with Autism Spectrum Disorder have in the family the first sociocultural group, where the first forms of affectivity, cultural and social occur. The partnership between family and school is very important for a positive development of the child. The role of the teacher is of great importance, he must have the necessary conditions to fully work the inclusion. It is a fact that the role of the teacher is of great importance, because if the teacher improperly carries out his work, inclusion will cease to be an exercise and will become just a word. Teaching methods TEACCH - Treatment and education for autistic and children with disabilities related to communication, PECS - (The Picture Exchange Communication System) - Communication System through exchange of figures, ABA - Applied Behavior Analysis, and the Son-Rise program, as well as some forms of teacher / student interaction. Autism remains a difficult disorder for children and their families, but with the right treatment, many of the symptoms can improve, even though some people remain with some symptoms throughout their lives. Most people with autism can live with their families or in society.

Key words: Inclusion, Autism, Disorder, Methods, Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABA – Análise Aplicada do Comportamento.

ABRAÇA – Associação Brasileira Para Ação Dos Direitos Das Pessoas Com Autismo.

ADIR - Entrevista Diagnóstica Para Autismo revisada.

ADOS - Programa de Observação Diagnóstica do Autismo.

ADS – Autism Spectrum Disorder.

AMA – Associação de Amigos Autistas.

CARS - Escala de Classificação do Autismo em Crianças.

CID – Classificação Internacional de Doenças.

DSM - Manual de Doenças Mentais.

DTT – Discrete Trials Teaching.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional.

MEC – Ministério da Educação.

NAS - National Autistic Society.

PECS - (*The Picture Exchange Communication System*) - Sistema de Comunicação através de troca de figuras.

QI – Quociente de Inteligência.

TEA – Transtorno do Espectro Autista.

TEACCH – Tratamento e educação para autistas e crianças com deficiências relacionadas à comunicação.

TID – Transtornos Invasivos do Desenvolvimento.

UCLA – Universidade da Califórnia Los Angeles.

CDC – Centro de Controle e Prevenção de Doenças.

JAMA – Journal Of The American Medical Association.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEORICO	11
2.1 A INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR.....	11
2.2 A LEGISLAÇÃO	23
3. MÉTODOS	32
3.1 MÉTODOS DE ENSINO PARA O ALUNO AUTISTA.....	32
3.1.1 Método Teacch.....	32
3.1.2 Método ABA.	35
3.1.3 Método SON-RISE	37
3.1.4 Método PECS.....	39
3.2 A ROTINA.	41
3.3 A LEITURA E A ESCRITA.....	43
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia discorre sobre a inclusão do autista na escola de ensino regular, buscando apresentar as dificuldades encontradas nesse contexto assim como as vantagens existentes do processo de inclusão de crianças com deficiência no ensino regular.

O autismo é um transtorno de desenvolvimento que geralmente aparece nos três primeiros anos de vida e compromete as habilidades de comunicação e interação social.

Para que haja inclusão dos alunos nos deparamos com diversos problemas, iniciando pela família, esta deve ter consciência de que o autista necessita de acompanhamento especializado, este ofertado através de uma equipe de especialistas contratados pela escola. A parceria entre família e escola é muito importante para que ocorra um desenvolvimento positivo da criança.

Nas escolas as dificuldades são muitas para receber estes alunos, professores devem receber a devida capacitação, pois eles necessitam ter as condições necessárias para trabalhar plenamente a inclusão, salas de recursos preparadas para o trabalho entre o professor de sala de aula e o coordenador pedagógico da escola, para que sempre estejam analisando as aulas, as atividades, se deram certo ou não, tentando aplicar novos métodos, que facilitem tanto o trabalho do professor, quanto o desenvolvimento educacional do aluno, atividades que atendam tanto o aluno com autismo quanto os alunos normais.

O trabalho explica através dos principais métodos existentes na educação como incluir o autista na escola e como os profissionais envolvidos devem agir em ações pedagógicas que contribuam para a evolução deste aluno no âmbito emocional e intelectual.

A metodologia usada foi através da pesquisa bibliográfica de diversos autores e criadores dos métodos citados.

2 REFERENCIAL TEORICO

2.1 A INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode apresentar-se de varias maneiras, suas variações ocorrem de indivíduo para indivíduo, ou seja, não existe apenas uma única forma do transtorno apresentar-se, não há um padrão único, ou um tipo específico de conjunto de comportamentos, o que nós encontramos em um indivíduo pode ser completamente diferente em outro, tornando essa síndrome difícil de ser analisada.

Os casos de autismo acontecem mais em meninos do que em meninas. É muito raro aparecer em crianças do sexo feminino, o Transtorno do Espectro Autista em meninas é mais complexo, dificultando o seu diagnóstico. A aparência física das crianças que apresentam autismo em geral é normal.

A síndrome do autismo não altera a aparência visual nem altera traços físicos, e tão pouco é detectado pela maioria dos exames laboratoriais. Desta forma, o diagnóstico do autismo se torna difícil e complexo. (ORRÚ, 2011, p. 28).

Na literatura de Gómez e Terán (2014), são citados alguns sintomas do autismo considerados como clássicos, são eles, limitações nas interações sociais, problemas com a imaginação e a comunicação verbal e não verbais atividades e interesses pouco usuais e limitados. Tem dificuldade em manter um diálogo ou fixar o olhar em alguém em quem está interagindo. (GOMÉZ e TERÁN 2014).

Em casos onde a criança interage bem com os outros as relações acontecem superficialmente, não se envolvendo pessoalmente em situações de jogo a ponto de não fazer amizades, mostrando falta de empatia. Mas em contrapartida, mostra um desempenho relativo nas áreas motora e linguística. (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p. 487).

Cunha (2013, p.28) cita que o autista fixa-se em rotinas que trazem segurança. Atividades inovadoras levam o autista para um caminho angustiante, pois o mesmo está familiarizado com as suas rotinas, seus atos e objetos do dia a dia que já está acostumado, mas é de grande importância inserir novidades para seu desenvolvimento, pois essas novidades melhoram o desempenho para que ocorram superações diante das dificuldades que irão aparecer.

É preciso usar atividades inovadoras com cautela ao apresentá-las a um autista, mesmo elas sendo necessárias para sua aprendizagem. Essas novas atividades em sua rotina podem causar repulsa e angústia, pelo fato de não compreenderem tal mudança ocorrida, pois essa síndrome compromete a função simbólica, comprometendo sua comunicação. (ORRÚ, 2007,).

A família tem fundamental importância para o processo de escolarização de qualquer criança, sendo ela autista ou não. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) nos diz que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, Art 4º, 1990).

É no convívio familiar que a criança tem o primeiro contato com livros, lápis, revistas e jornais, se existir alguém na família que estude ou tenha o hábito de ler, irá estimular a criança e a mesma passará a se interessar pelas mesmas atividades.

Em sua literatura Ackerman (1986) afirma que, a família representa o núcleo de crescimento e de experiências do ser humano, sendo diretamente responsável pelos níveis de socialização e desempenho dos filhos com a síndrome do autismo.

Ritvo, Freeman (1984) cita que os membros da família e os pais de crianças autistas são vistos e reconhecidos como pessoas extremamente necessárias para o acompanhamento, tratamento e o pleno desenvolvimento dessas crianças. Através desse pensamento a família é vista com maior apreciação e entendimento do seu papel para nortear as dinâmicas pessoais do autista.

Crianças com Transtorno do Espectro Autista tem na família o primeiro grupo sociocultural, onde ocorrem as primeiras formas de afetividade, culturais e sociais. A parceria entre família e escola é muito importante para que ocorra um desenvolvimento positivo da criança.

Para Gauderer (1987), Educar uma criança, com todas as dificuldades que possa existir, aflora o sentimento de amor na maioria das pessoas. Os sentimentos dos pais pela criança faz com que lhes pareça serem parte delas, não querendo libertá-las. A criança autista tende a ser bastante cativante, sua própria impotência e confusão faz brotar emoções nas pessoas a sua volta. Ao mostrarem progresso, a

alegria que cada passo conquistado traz, parece ser maior do que o dado por uma criança normal.

Os pais devem procurar por escolas que recebam seus filhos autistas. Depois de matriculado, o aluno com Transtorno do Espectro Autista, precisa ser acompanhado frequentemente pelos pais, a fim de acompanhar o processo de escolarização desta criança, mantendo uma relação direta com a escola, os pais de alunos autistas trocam informações e métodos de aprendizagem, que afetam diretamente o aprendizado da criança.

Bezerra, et al (2010) fala sobre a participação dos pais no processo de aprendizagem dos filhos autistas, e no processo de tomadas de decisões da escola:

[...] encontrar o caminho para relações de parceria pode ser uma experiência significativa, resultando em melhorias nas interações humanas, no ensino [...] Pode ser a luz de um novo tempo na educação: aproveitamento das experiências familiares na construção do saber e das ações da escola. (BEZERRA, et al 2010, p. 289).

Cunha (2014) afirma que o papel do professor é de grande importância na inclusão. Ele deve ter as condições necessárias para trabalhar plenamente a inclusão. Será grande o aprendizado para o educador trabalhar sobre os diversos modos de intervenção psicopedagógicas e as diversas dificuldades de aprendizado. (CUNHA 2014, p. 101)

É fato que é de grande importância o papel do professor para a inclusão do aluno, pois se o professor exercer de forma incorreta seu trabalho, a inclusão deixará de ser um exercício e passará a ser apenas uma palavra.

Quem faz o papel decisivo no processo de inclusão do aluno autista são professores capacitados para trabalharem com crianças autistas e/ou portadores de necessidades educacionais especiais. Pais conscientes precisam cobrar das escolas onde os seus filhos autistas estão inseridos mais professores capacitados que possam atender e contribuir com o desenvolvimento da criança autista.

Ao receber alunos autistas em salas regulares os professores classificam todos os autistas igualmente. Mesmo apresentando a mesma síndrome, todo autista tem suas especificidades. ORRÚ (2011), fala sobre o tema:

Assim como qualquer um de nós, a pessoa com autismo também tem sua individualidade, desejos e necessidades que vão além das características da síndrome. Logo, nem tudo, que venha a dar resultado para uma pessoa com autismo, serve de referência positiva à outra pessoa com a mesma síndrome. (ORRÚ, 2011, p. 32).

Sendo assim, um método que foi eficaz ao ser utilizado com um aluno, poderá não funcionar com outro. Dessa forma, faz-se necessário o trabalho em conjunto dos professores das salas de recursos, os de salas regulares, juntamente com o coordenador pedagógico da escola, para que sempre estejam analisando as aulas, as atividades, se deram certo ou não, tentando aplicar novos métodos, que facilitem tanto o trabalho do professor, quanto o desenvolvimento educacional do aluno. Tratando-se de uma sala regular de ensino, a prática educativa utilizada pela professora, deverá atender as necessidades tanto do aluno autista, quanto dos alunos considerados normais. Na sua literatura BEYER (2006) cita:

O desafio é construir e por em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada. Tudo isto sem demarcações, preconceitos ou atitudes nutridoras dos indesejados estigmas. Ao contrário, pondo em andamento na comunidade escolar, uma conscientização crescente dos direitos de cada um. (BEYER 2006, p. 76).

As crianças com TEA participam do processo de integração à sala de aula regular através do apoio de uma professora complementar intermediando as atividades para esse aluno ou o acompanha dando-lhe espaço para tomar decisões respeitando o seu tempo. Incentiva-o nas relações sociais com seus colegas.

A criança nasce autista e torna-se um adulto autista, sendo assim, o autismo é uma condição permanente. Cada pessoa autista é única e capacitada ao aprendizado.

Em 1908 o psiquiatra suíço Eugen Bleuler usa pela primeira vez o termo autismo para descrever um grupo de sintomas relacionados à esquizofrenia. A palavra tem raízes no grego autos (eu). Em 1943 o psiquiatra austríaco Leo Kanner publica a obra *Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*. Ele descreveu 11 casos de crianças que aparentavam isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação da mesmice, denominando-as autistas, usou o termo “autismo infantil precoce”, pois os sintomas apareciam desde a primeira infância. Através de observações comportamentais, ele notou que essas crianças respondiam

de maneira incomum ao ambiente, incluíam maneirismos motores estereotipados, tinham resistência à mudança e insistência na monotonia, suas habilidades de comunicação não eram usuais, invertiam os pronomes e tinham tendência ao eco na linguagem – ecolalia. O psiquiatra enfatizou a predominância dos déficits de relacionamento social e dos comportamentos incomuns.

No ano de 1944 o psiquiatra e pesquisador austríaco Hans Asperger, escreve o artigo A psicopatia autista na infância o artigo é publicado um ano depois. Através da observação ele percebeu que o padrão de comportamento e habilidades que descreveu, ocorria mais no sexo masculino, os meninos apresentavam deficiências sociais graves, falta de empatia, capacidade reduzida de fazer amizades, conversação unilateral, focavam intensamente em um assunto de interesse especial e tinham movimentos descoordenados. Asperger denominou as crianças de seu estudo de pequenos professores, devido à habilidade de mostrar um tema de maneira detalhada. Seu trabalho foi publicado em alemão e seu principal trabalho recebeu reduzida atenção devido ao fato de ter sido elaborado na época da guerra, em meados de 1980 que seu nome foi reconhecido como um dos pioneiros no estudo do autismo. A Síndrome de Asperger deve seu nome a ele.

A Associação Americana de Psiquiatria publica a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, DSM-I em 1952. O manual fornece a nomenclatura e critérios padronizados para o diagnóstico de transtornos mentais. Na primeira edição, os sintomas autísticos que eram semelhantes classificavam-se como um subgrupo da esquizofrenia infantil. Autismo não era considerado como um diagnóstico separado.

Muita confusão sobre a natureza do autismo e sua etimologia se instaurou durante a década de 1950, a ideia mais comum adotada era que o autismo originava-se por pais não emocionalmente responsivos a seus filhos, a hipótese da “mãe geladeira”, essa causa era atribuída à falta de calor maternal. Leo Kanner batizou o termo, mas foi o psicanalista Bruno Bettelheim que o popularizou. Após a 2ª Guerra Mundial, havia sido publicado vários trabalhos psicanalíticos sobre autismo, onde era apenas analisado o impacto na vida das pessoas sem considerar o fator biológico e genético, que hoje é a causa determinante da síndrome.

Com o avanço nas pesquisas, nos anos 60, várias evidências começaram a se acumular, determinando que o autismo fosse um transtorno cerebral presente desde a infância e através de investigações foram encontrados indícios que a

síndrome aparecia em todos os países e em qualquer grupo socioeconômico e étnico-racial. Leo Kanner, sentindo-se mal compreendido devido a sua teoria da mãe geladeira tentou se retratar no seu livro *Em Defesa das Mães*. Mais tarde a teoria mostrou-se totalmente infundada, essa teoria foi posteriormente abandonada.

Temple Grandin foi uma jovem americana que nasceu com autismo, em 1965 ela cria a “Máquina do Abraço”, consistia em um aparelho que simulava um abraço fazendo com que ela se acalmasse, assim como a outras pessoas com autismo. Através de estudos realizados em fazendas, ela revolucionou as práticas de abate para animais, seus projetos e técnicas desenvolvidos são usados no mundo todo. Ela tornou-se uma profissional bem sucedida, prestando consultoria para a indústria pecuária em manejo, projetando instalações e cuidado de animais. Temple Grandin ministra palestras sobre a importância em ajudar as crianças com autismo a desenvolverem suas habilidades.

Em 1968 é publicada a segunda edição do Manual de Doenças Mentais, DSM-II, no seu contexto refletia sobre a predominância da psicodinâmica psiquiátrica. Os sintomas deixaram de ser especificados com detalhes em determinadas desordens. Eram vistos como reflexos da má adaptação aos problemas da vida e de grandes conflitos subjacentes, enraizados entre a neurose e a psicose.

Após uma década o psicólogo Libanês Michael Rutter classifica o autismo propondo sua definição com base em quatro critérios: Primeiro o atraso e desvio sociais não só como deficiência intelectual; Segundo os problemas de comunicação, não só em função de deficiência intelectual associada; Terceiro os comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e quarto o início antes dos 30 meses de idade. Michael Rutter criou um marco divisor na compreensão do transtorno ao classificar o autismo.

Na terceira publicação da edição do Manual de Doenças Mentais, DSM-III, devido as definições de Rutter e aos diversos trabalhos produzidos sobre o autismo, a síndrome passa a ser reconhecida e colocada em uma nova classe de transtornos, os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento - TID. Esse termo foi escolhido pelo fato de que múltiplas áreas de funcionamento do cérebro eram afetadas no autismo e nas condições a ele relacionadas. Foi classificado como CID-10 na décima revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.

A psiquiatra inglesa Lorna Wing, desenvolve em 1981 o conceito de autismo como um espectro de condições e aplicou o termo síndrome de Asperger, referenciando a pesquisa de Hans Asperger. Revolucionando assim a forma como o autismo era entendido, influenciando todo o mundo. Tendo um filho com autismo e sendo pesquisadora e clínica, ela sempre foi à defesa de uma melhor compreensão e de serviços adequados para pessoas com autismo e suas famílias. Juntamente com Judith Gold, fundaram a National Autistic Society (NAS), e o Centro Lorna Wing. Foi uma das maiores e mais importantes figuras do mundo do autismo.

O psicólogo da Universidade da Califórnia Los Angeles – UCLA, Ivar Lovaas, publica em 1988 um estudo pioneiro demonstrando como a intensidade da terapia comportamental pode ajudar crianças com autismo, dando assim uma nova esperança para os pais. Foram analisados os comportamentos de 19 crianças entre quatro e cinco anos, diagnosticadas com autismo, elas foram submetidas a 40 horas de atendimento – intervenção precoce intensiva. Após dois anos de pesquisa, o (QI) Quociente de Inteligência dessas crianças aumentou 20 pontos em média. Crianças que não foram submetidas à terapia comportamental não apresentaram melhoras. O DSM substituiu “autismo infantil” com uma definição mais ampla para “Transtorno de Autismo”, e inclui uma lista de critérios diagnósticos. A terapia comportamental e o uso de ambientes de aprendizagem altamente controlados emergiram durante os anos 80 e 90 como os principais tratamentos para as diversas formas de autismo e condições relacionadas. A terapia comportamental e a terapia fonoaudiológica são consideradas os pilares da terapia do autismo.

A quarta publicação da edição do Manual de Doenças Mentais, DSM-IV foram debatidos novos critérios potenciais para o autismo, bem como as diversas condições a serem incluídas na categoria TID, avaliados através de um estudo internacional, multicêntrico, onde mais de mil casos foram avaliados por mais de 100 avaliadores clínicos. A fim de evitar uma possível confusão entre os pesquisadores e os clínicos que trabalhavam em diferentes partes do mundo, os sistemas de avaliação do DSM-IV e da CID-10 tornaram-se equivalentes. Através do trabalho de campo foram definidos critérios. A Síndrome de Asperger é adicionada ao DSM, ampliando o espectro do autismo, passando a incluir casos mais leves, onde os indivíduos são mais funcionais. O DSM-IV-TR foi atualizado através de textos sobre o autismo, síndrome de Asperger e outros TIDs. Os critérios para diagnósticos permaneceram os mesmos que os do DSM-IV.

O artigo publicado em 1998 na revista Lancet do cientista inglês Andrew Wakefield, traz a afirmação de que algumas vacinas, entre elas a tríplice (sarampo, catapora e rubéola), poderiam causar autismo. Através da pesquisa de outros cientistas esses estudos foram totalmente desacreditados e descartados. O cientista perdeu seu registro de médico em maio de 2014. A revista Lancet publicou uma retratação e retirou o estudo de seus arquivos pela falta de comprovação dos resultados sugeridos pelo cientista. Vários estudos comprovaram que, de fato, a vacina não tem nenhuma associação ao autismo.

Com o lançamento da 5ª edição do DSM em 2013, DSM-V, caem os subtipos dos transtornos do espectro autista eles são eliminados. O diagnóstico agora é baseado em um único espectro com diferentes níveis de gravidade. Todas as subcategorias são incluídas em um único diagnóstico guarda-chuva denominado Transtorno do Espectro Autista – TEA. A Síndrome de Asperger não é mais considerada uma condição separada e o diagnóstico para autismo passa a ser definido em duas categorias: alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados.

Estimativas apontam que o autismo atinja 1% da população, 70 milhões de pessoas no mundo, só no Brasil 2 milhões de casos. Em março de 2014 o relatório do Centro de Controle e Prevenção de Doenças – CDC notificou os Estados Unidos para os novos dados sobre a prevalência de autismo, o estudo de vigilância identificou um caso de TEA em cada 42 meninos e um caso de TEA em cada 189 meninas, (TEA) Transtorno do Espectro Autista. Os critérios diagnósticos se ampliaram e o olhar sobre o Autismo fez com que um número maior de casos fosse diagnosticado.

As possíveis causas - Estudos realizados na Suécia mostraram que fatores ambientais são tão importantes quanto à genética como causa do autismo. O nível socioeconômico da família, complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e o uso de drogas antes e durante a gravidez poderiam também ser fatores desencadeadores que não foram submetidos à pesquisa, segundo os autores. Os pesquisadores se surpreenderam ao descobrir que a genética tem um peso de cerca de 50%, sendo que a outra metade dos casos pode corresponder a fatores exógenos, como o ambiente de criação, bem menor do que as estimativas anteriores, de 80% a 90%, segundo o artigo publicado no Journal of the American Medical Association – JAMA. Foi através da análise de dados de mais de 2 milhões

de pessoas na Suécia entre 1982 e 2006 que chegaram a esse resultado, é o maior estudo já realizado sobre as origens genéticas do autismo. De qualquer maneira, muitos genes parecem estar envolvidos nas causas do autismo. Alguns tornam as crianças mais suscetíveis ao transtorno, outros afetam o desenvolvimento do cérebro e a comunicação entre os neurônios. Outros, ainda, determinam a gravidade dos sintomas.

Não se tem exatidão no número de crianças com autismo. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA sugere que o autismo e seus distúrbios relacionados são muito mais comuns do que se imagina. Não está claro se isso se deve a um aumento na taxa da doença ou à maior capacidade de diagnóstico do problema. A síndrome afeta quatro a cinco vezes mais meninos do que meninas. Alguns médicos acreditam que a maior incidência de autismo se deve a novas definições do transtorno. O termo autismo agora inclui um espectro mais amplo de crianças. Por exemplo, hoje em dia, uma criança diagnosticada com autismo altamente funcional poderia ser simplesmente considerada tímida ou com dificuldade de aprendizado há 30 anos.

Alguns fatores de risco que estão associados ao aparecimento do autismo são: Sexo, meninos são de quatro a cinco vezes mais propensos a desenvolver o autismo do que meninas; Histórico familiar: famílias que já tenham tido algum integrante com autismo correm riscos maiores de ter outro posteriormente; Outros transtornos: crianças com alguns problemas de saúde específicos tendem a ter mais riscos de desenvolver autismo do que outras crianças, epilepsia e esclerose tuberosa estão entre esses transtornos; Idade dos pais: quanto mais avançada a idade dos pais, mais chances de a criança desenvolver autismo até os três anos.

Sintomas associados ao autismo: A maioria dos pais de crianças com autismo suspeita que algo esteja errado antes da criança completar 18 meses de idade e busca ajuda antes que ela atinja 2 anos. As crianças com autismo normalmente têm dificuldade em brincar de faz de conta, interações sociais, comunicação verbal e não verbal. Algumas crianças com autismo parecem normais antes de um ou dois anos, mas de repente "regridem" e perdem as habilidades linguísticas ou sociais que adquiriram anteriormente. Esse tipo de autismo é chamado de autismo regressivo.

Uma pessoa com autismo pode ter visão, audição, tato, olfato ou paladar excessivamente sensíveis, eles podem se recusar a usar roupas "que dão coceira" e ficam angustiados se são forçados a usá-las, ter uma alteração emocional anormal

quando há alguma mudança na rotina, fazem movimentos corporais repetitivos, demonstram apego anormal aos objetos. Os sintomas do autismo podem variar de moderados a graves.

Com relação aos problemas de comunicação podemos citar a falta de iniciação de uma conversa social, a comunicação se faz através de gestos em vez de palavras, o desenvolvimento da linguagem se dá lentamente ou não desenvolve, não foca a visão em objetos que as outras pessoas estão olhando, não refere-se a si mesmo de forma correta, ao invés de dizer "eu quero água" pede "você quer água". Não aponta para objetos a fim de chamar atenção para eles, repete palavras ou trechos memorizados, usa rimas sem sentido.

Existem diversos sintomas para o autismo e nem sempre a criança apresentará todos eles. Entre os grupos de sintomas que podem afetar uma pessoa com autismo estão:

A Interação social: ele não consegue fazer amizade, não participa de jogos interativos, é retraído, normalmente não responde a contato visual e sorrisos ou evita constantemente o contato visual, tratam as pessoas como se fossem objetos, preferem a solidão, ao invés de companhias, mostram falta de empatia.

Respostas às informações sensoriais: Eles não se assustam com sons altos, tem a visão, audição, tato, olfato ou paladar ampliados ou diminuídos, barulhos normais aos nossos ouvidos podem ser dolorosos e cobrir os ouvidos com as mãos, evitam contato físico por ser muito estimulante ou opressivo, esfregam as superfícies, põe a boca nos objetos ou os lambem, tem um aumento ou diminuição na resposta à dor.

Com relação às brincadeiras o autista não imita as ações dos outros, prefere brincadeiras solitárias ou ritualistas, não faz brincadeiras de faz de conta ou imaginação.

Expressa o comportamento através de acessos de raiva intensos, fica preso em um único assunto ou tarefa, baixa capacidade de atenção, tem poucos interesses, é hiperativo ou muito passivo, tem comportamento agressivo com outras pessoas ou consigo mesmo, sente necessidade intensa de repetição, faz movimentos corporais repetitivos.

Buscando ajuda médica para obter um diagnóstico através de exames: É logo no primeiro ano de vida que a criança mostra os primeiros sinais de autismo. Os comportamentos da criança de alerta são:

- Não responder com sorriso ou expressão de felicidade aos seis meses;
- Não imitar sons ou expressões faciais aos nove meses;
- Não balbuciar aos 12 meses;
- Não gesticular aos 12 meses;
- Não dizer nenhuma palavra aos 16 meses;
- Não dizer frases compostas de pelo menos duas palavras aos 24 meses;
- Perder habilidades sociais e de comunicação em qualquer idade.

É provável que um pediatra consiga fazer o diagnóstico de autismo, analisando os sintomas. No entanto, existem centros especializados onde equipes multidisciplinares avaliarão a criança.

Para o diagnóstico o profissional procurará por sinais de atraso no desenvolvimento da criança. Se observados os principais sintomas do autismo, ele encaminhará a criança em questão para um especialista, que poderá fazer um diagnóstico mais exato e preciso. Geralmente, ele é feito antes dos três anos de idade, já que os sinais do transtorno costumam aparecer cedo. Para a realização do diagnóstico, o médico utiliza o critério do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria. Segundo o manual, a criança poderá ser diagnosticada com autismo se apresentar pelo menos seis dos sintomas clássicos do transtorno.

Todas as crianças devem fazer exames de desenvolvimento de rotina com o pediatra. Se o médico ou os pais estiverem preocupados pode haver a necessidade de serem feitos vários exames. Especificamente para o autismo, isso deve ser feito se uma criança não atingir marcos de linguagem. Essas crianças poderão fazer uma avaliação auditiva, teste de chumbo no sangue e teste de triagem para autismo, como a lista de verificação de autismo em crianças, ou o questionário para triagem de autismo.

Para uma boa avaliação de autismo são necessários exames físicos e neurológicos completos. Existem algumas ferramentas de exame específicas, como: Entrevista diagnóstica para autismo revisada (ADIR); Programa de observação diagnóstica do autismo (ADOS); Escala de classificação do autismo em crianças (CARS); Escala de classificação do autismo de Gilliam; Teste de triagem para transtornos invasivos do desenvolvimento. Indivíduos com autismo ou suspeita de autismo normalmente passarão por testes genéticos em busca de anomalias nos

cromossomos. Pelo autismo possuir um amplo espectro de sintomas, uma avaliação única e rápida não irá indicar as reais habilidades da criança, faz-se necessária que esta avaliação seja aplicada por uma equipe de diferentes especialistas onde irão avaliar: comunicação, linguagem, habilidades motoras, fala, êxito escolar e habilidades de pensamento.

O autismo continua sendo um distúrbio difícil para as crianças e suas famílias, com o avanço das pesquisas a perspectiva atual é muito melhor do que na geração passada, onde a maioria das pessoas com autismo era internada em instituições. Com o tratamento correto, muitos dos sintomas do autismo podem melhorar, mesmo que algumas pessoas permaneçam com alguns sintomas durante toda a vida. A maioria das pessoas com autismo consegue viver com suas famílias ou na sociedade.

Com relação ao tratamento de autismo podemos dizer que não existe cura para autismo, o que pode ser feito é um programa de tratamento precoce, intensivo e apropriado melhorando assim a perspectiva de crianças pequenas com o transtorno. O principal objetivo do tratamento é maximizar as habilidades sociais e comunicativas da criança por meio da redução dos sintomas do autismo e do suporte ao desenvolvimento e aprendizado. Direcionando o tratamento às necessidades específicas de cada criança é que se têm bons resultados no tratamento, um especialista ou uma equipe experiente deve desenvolver o programa para cada criança. Dentre as várias terapias disponíveis podemos citar:

- Terapias de comunicação e comportamento;
- Medicamentos;
- Terapia ocupacional;
- Fisioterapia;
- Terapia do discurso/linguagem.

Existem diversos programas para tratar problemas sociais, de comunicação e de comportamento que estejam relacionados ao autismo. Alguns desses programas focam na redução de problemas comportamentais e na aprendizagem de novas habilidades. Outros procuram ensinar crianças a como agir em determinadas situações sociais e a como se comunicar propriamente.

Não existem medicamentos capazes de tratar os principais sintomas do autismo, mas, muitas vezes, são usados medicamentos para tratar problemas

comportamentais ou emocionais que os pacientes com autismo apresentem, como agressividade, ansiedade, problemas de atenção, compulsões extremas que a criança não pode controlar, hiperatividade, impulsividade, irritabilidade, alterações de humor, surtos, dificuldade para dormir e ataques de raiva.

Por apresentar diversas dificuldades do desenvolvimento humano, O TEA - Transtorno do Espectro Autista necessita o comprometimento de todos os profissionais envolvidos com a educação e é fundamental a dedicação e empenho dos seus familiares. A inclusão na escola é um importante fator para o relacionamento social e o desenvolvimento das habilidades de todos os educandos. Logo, das necessidades educativas especiais apresentadas pelo autismo também, pois o mesmo é considerado deficiência por lei, onde tem direito de fazer uso de todos os benefícios que a inclusão oferece na rede regular de ensino.

2.2 A LEGISLAÇÃO

Através do MEC o governo implanta o Programa Educação Inclusiva: este programa visa o direito à diversidade abrangendo o trabalho de inclusão nas escolas, possibilita o acesso a formação de professores e gestores para atuarem na educação inclusiva em todos os municípios, para que a escolarização seja garantida a todos, e para que ocorra a oferta do atendimento especializado e também a acessibilidade esteja garantida (BRASIL, 2001).

Podemos perceber que através do Programa Educação Inclusiva o direito à diversidade atua de forma direta com o trabalho pedagógico, não apenas apoiando a inclusão, e agindo de forma que aconteça a formação de professores e gestores atuantes nas escolas, ocorrendo assim a inclusão de forma efetivada e que seja uma realidade plena.

A criação da Política Nacional de Educação Especial (1994) e a promulgação da LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n.º 9394/96, juntamente com as garantias constitucionais de 1988, vieram para garantir que os alunos com necessidades educacionais especiais tenham o direito a uma educação condizente com suas necessidades.

Segundo a lei Nº 13146 de 6 de julho de 2015 que trata sobre a inclusão da pessoa com deficiência, no capítulo IV do direito à educação:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

Preparar um projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia, adotar medidas individualizadas e coletivas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, favorecendo o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem em instituições de ensino, pesquisar novos métodos e técnicas pedagógicas, buscar materiais didáticos, equipamentos e recursos de tecnologia assistiva. Buscar a participação das famílias dos estudantes com deficiência nas diversas instâncias de atuação da comunidade escolar.

Adotar medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, culturais, vocacionais e profissionais, levando-se em conta o talento, a criatividade, as habilidades e os interesses do estudante com deficiência.

Adotar práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado. Promover o acesso da pessoa com deficiência, em igualdade de condições, a jogos e a atividades recreativas, esportivas e de lazer, no sistema escolar. (Lei Federal Nº 13146/2015).

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), capítulo IV, Do Direito a Educação, a Cultura, ao Esporte e ao Lazer, Art.54 inciso III, orienta que o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência deve ser ofertado preferencialmente na rede regular de ensino.

Apesar de ser garantida por políticas públicas, a inclusão do autista nas escolas ainda é um grande desafio, seja nas esferas municipal, estadual e federal. Devido à falta de conhecimento sobre a questão, a inclusão não é tão simples assim e as dificuldades que as instituições apresentam para lidar com a diversidade fazem

aumentar o desafio. Alexandre Mapurunga (2014), presidente da Associação Brasileira Para Ação Dos Direitos Das Pessoas Com Autismo (Abraça), avalia o acesso à escola sob o seguinte aspecto: A inclusão começa com a chegada desse aluno à escola, mas é preciso também garantir sua permanência e aprendizagem.

As escolas não podem se recusar a receber esses alunos. Porém, entrar na escola não garante a inclusão, faz-se necessário também garantir a aprendizagem e a qualidade do ensino a ser oferecido a este aluno. A educação brasileira atual está preparada apenas para crianças normais. As escolas não apresentam estrutura adequada para receber crianças autistas, para isso acontecer antes deve haver uma grande reestruturação, a escola é quem deve tornar a inclusão possível adaptando-se para recebê-los e não os alunos adaptarem-se à escola. Através de um plano de ensino bem elaborado é possível atingir e respeitar a capacidade de todos os alunos, propondo atividades diversificadas considerando o conhecimento de todos, é preciso explorar outras formas de interação e buscar o novo.

[...] Até agora, os sistemas de ensino têm lidado com a questão por meio de medidas facilitadoras, como cuidadores, professoras de reforço e salas de aceleração, que não resolvem, muito menos atendem o desafio da inclusão. Pois qualificar uma escola para receber todas as crianças implica medidas de outra natureza, que visam reestruturar o ensino e suas práticas usuais e excludentes. Na inclusão, não é a criança que se adapta à escola, mas a escola que para recebê-la deve se transformar. (MANTOAN, Maria T. 2014.)

As leis estabelecidas de garantia ao ingresso às escolas não são suficientes colaborando para o fracasso escolar. Existem várias dificuldades encontradas que tiram a responsabilidade da escola de ensinar a todos, dentre as várias dificuldades podemos citar a falta de capacitação dos professores para receber os alunos com autismo ou com qualquer outra deficiência, a falta de estratégias de aprendizagem, salas de aula abarrotadas de alunos para apenas um professor.

A inclusão é necessária e junto com ela nos deparamos com grandes desafios, precisamos proporcionar condições de desenvolvimento por caminhos alternativos. É preciso elaborar estratégias que atinjam o ensino aprendizagem dos autistas e como também os outros alunos presentes em sala de aula.

O princípio orientador deste enquadramento da ação consiste em afirmar que as escolas devem ajustar-se a todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras. Neste conceito, terão de incluir crianças com deficiência ou superdotados, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações remotas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou marginais. Estas condições colocam uma série de diferentes desafios aos sistemas escolares. No contexto deste enquadramento da ação, a expressão "necessidades educativas especiais" refere-se a todas as crianças e jovens cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares. Muitas crianças apresentam dificuldades escolares e, conseqüentemente, têm necessidades educativas especiais, em determinado momento de sua escolaridade. As escolas terão de encontrar formas de educar com sucesso estas crianças, incluindo aquelas que apresentam incapacidades graves. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p.06).

A presença do autista em sala de aula pode ser considerada como um grande progresso, contudo essa presença não é garantia de aprendizado mesmo com o acompanhamento do profissional de apoio especializado a disposição. Para o sucesso da inclusão, os profissionais, as escolas e os professores precisam de uma formação específica mais adequada, nessa formação específica podemos incluir competências técnicas, o acesso às várias estratégias pedagógicas, abrangendo assim todos os alunos e com isso superar salas lotadas e a falta de recurso existente nas escolas.

A lei contempla as classes especiais através de espaços criados transitoriamente pela escola, esses espaços são destinados aos alunos que apresentam dificuldades acentuadas de aprendizagem ou condição de comunicação e sinalização diferenciada dos demais alunos e que necessitam auxílio contínuo, espaço físico adequado às necessidades e da utilização de técnicas e métodos, procedimentos didáticos e recursos pedagógicos especializados. Sendo necessário também utilizam equipamentos e materiais didáticos específicos, conforme série/ciclo/etapa da educação básica. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA/CNE/CEB, 2001).

Sendo assim, os autistas requerem ambientes educacionais estruturados e adequados às suas necessidades. Cool. et al (1995) menciona como deve ser esta estrutura tão importante para educação do autista:

[...] 1) em primeiro lugar, refere-se à necessidade de que o ambiente não seja, excessivamente, complexo, senão, pelo contrário, relativamente simples. As crianças autistas têm um maior aproveitamento, quando são educadas em grupos pequenos, que possibilitem um planejamento bastante personalizado dos objetivos e procedimentos educacionais em um contexto de relações simples e, em grande parte, bilaterais; 2) em segundo lugar, o ambiente deve facilitar a percepção e compreensão, por parte da criança, de relações contingentes entre suas próprias condutas e as contingências do meio; 3) além disso, o educador deve manter uma conduta educadora estabelecendo, de forma clara e explícita, seus objetivos, procedimentos, métodos de registro, etc. (COOL et al, 1995, p. 286).

Segundo Machado (2009), as salas de recursos oferecidas na escola inclusiva servem para que o professor especializado identifique habilidades e dificuldades apresentadas pelos alunos atendidos, para que em seguida possa elaborar um planejamento que contemple o atendimento com os recursos necessários.

É na sala de recursos onde os alunos atendidos irão desenvolver suas potencialidades, ou seja, esta sala vem para complementar o ensino regular, não se utilizando das atividades vistas na sala regular, mas trabalhando alternativas que atuem nas habilidades do educando.

Quando existem condições de aprendizado no ambiente escolar, o potencial do autista tem uma grande chance de desenvolvimento, se a pessoa possui alguma característica que afete o desenvolvimento esta pessoa é capaz de aprender, para que isso ocorra o grupo social ao seu redor tem que criar condições, podendo assim o indivíduo ter a oportunidade de viver interações sociais significativas, consegue desenvolver habilidades e a criatividade, com isso expande sua formação pessoal. (CRUZ, 2014, p.159).

Para a formação do autista a inclusão torna-se um passo muito importante, ela contribui na autonomia e no desenvolvimento, prepara a criança para enfrentar os obstáculos que irão aparecer, após a idade escolar eles têm toda uma vida a seguir e um mercado de trabalho a enfrentar.

Pensando na inclusão de crianças com autismo em instituições de ensino regular, Mantoan (1997, p. 14-15) compreende a necessidade do trabalho dentro da escola, observando, porém que a escola pública não consegue dar conta de todas as necessidades das diversas deficiências, talvez este seja o papel dos pais de deficientes e das associações de deficientes as responsabilidades pela organização e supervisão da metodologia.

Com a devida informação sobre o autismo, as escolas e os professores podem assumir papel importante na vida das crianças autistas. Através da adaptação do currículo das escolas é que poderão ser atendidas as necessidades das crianças e não o contrário, mas para que isso ocorra, é preciso proporcionar oportunidades curriculares que sejam apropriadas à criança com habilidades e interesses diferentes.

Para promover uma verdadeira aprendizagem, o professor deve ser muito cuidadoso com: 1) a organização e condições estimuladoras do ambiente, 2) as instruções e sinais que a criança apresenta, 3) os auxílios que lhe são proporcionados, 4) as motivações e reforços utilizados para fomentarem sua aprendizagem. (COOL et al, 1995, p. 288).

Com relação às adaptações curriculares, vários documentos oficiais promovem essas adaptações, como por exemplo, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica:

Flexibilizações e adaptações curriculares que considerem o significado prático e instrumental dos conteúdos básicos, metodologias de ensino e recursos didáticos diferenciados e processos de avaliação adequados ao desenvolvimento dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, em consonância com o projeto pedagógico da escola, respeitada a frequência obrigatória. (BRASIL, MEC, 2001, 8º Artigo; Inciso III).

Com o objetivo de ajustar e complementar o currículo as adaptações curriculares são necessárias a fim de responder às necessidades educacionais especiais dos alunos e conseguir com isso atingir seu máximo desenvolvimento pessoal e social. O currículo é elaborado pensando nas necessidades do aluno, tomando as devidas decisões a respeito do seu aprendizado e em sequência, como será sua avaliação. É importante que seja adequado e elaborado em conjunto com o planejamento do grupo, por ser individual não significa que seja um currículo paralelo ou separado.

A finalidade da profissional da pedagogia na escola para portadores de autismo é, em primeiro lugar, investigar o repertório de comportamentos, habilidades, limitações e comprometimentos do aluno com o qual irá trabalhar, para então oferecer uma série de possibilidades de aprendizagens adequadas à sua idade cronológica e nível de funcionamento. (Riviére 1991, p.20).

A formação da palavra autismo é dada pela união de duas palavras gregas: *autos* que significa em si mesmo e *ismo* que significa voltado para,

consequentemente o termo autismo significava voltado para si mesmo (LIRA, 2004; GOMES, 2007).

Peeters (1988) afirma que: o que define o autista é um estilo cognitivo diferente, apesar do déficit cognitivo presente na maioria deles, a rigidez de pensamentos está demonstrado através das dificuldades que os autistas apresentam em criar novas coisas, em fazer o raciocínio inverso, em dar sentido além do literal e associar palavras ao seu significado, compreender a linguagem falada e generalizar a aprendizagem.

A inclusão dos alunos com deficiência por parte dos professores está prevista em lei mas estes professores encontrarão muitos desafios, as dificuldades variam desde a linguagem do aluno, a compreensão até a agressividade vinda do aluno. As dúvidas em relação às práticas pedagógicas, falta de recursos e o medo por parte dos professores ocasiona a queda da qualidade do ensino.

Mesmo tendo essas dificuldades o professor deve incluir o aluno, proporcionando oportunidade da mesma maneira que os demais, fazendo com que a criança com autismo seja aceita pelos outros alunos. É importante que a escola desenvolva atividades adequadas às necessidades dos alunos.

Segundo Cutler(2000), existem critérios a serem seguidos pela escola para a inclusão dos autistas:

- A escola deve conhecer as características da criança e prover as acomodações físicas e curriculares necessárias;
- O treinamento dos profissionais deve ser constante e a busca de novas informações um ato imperativo;
- Devem-se buscar consultores para avaliar precisamente as crianças. A escola deverá preparar-se, bem como os seus programas, para atender a diferentes perfis, visto que os autistas podem possuir diferentes estilos e potencialidades;
- Os professores devem estar cientes que inclusive a avaliação da aprendizagem deve ser adaptada;
- É necessário estar consciente que para o autismo, conhecimento e habilidades possuem definições diferentes;

- É preciso analisar o ambiente e evitar situações que tenham impacto sobre os alunos e que as performances podem ser alteradas se o ambiente também for;
- A escola deverá prover todo o suporte físico e acadêmico para garantir a aprendizagem dos alunos incluídos;
- A atividade física regular é indispensável para o trabalho motor;
- A inclusão não pode ser feita sem a presença de um facilitador e a tutoria deve ser individual, um tutor por aluno;
- A inclusão não elimina os apoios terapêuticos;
- É necessário desenvolver um programa de educação paralelo à inclusão e nas classes inclusivas o aluno deve participar das atividades que ele tenha chance de sucesso, especialmente das atividades socializadoras;
- A escola deverá demonstrar sensibilidade às necessidades do indivíduo e habilidade para planejar com a família o que deve ser feito ou continuado em casa;
- Ao passo que as pesquisas sobre o autismo forem se aprimorando, as práticas também deverão ser e por isso, é importante a constante atualização dos profissionais envolvidos.

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) estão sendo inseridas na educação regular, pois a maioria frequenta a escola, mas não é possível afirmar se está sendo eficiente ou não esta inclusão. O perfil escolar dos estudantes com autismo mostra que há um avanço na inclusão.

Para que a inclusão de crianças autistas no ambiente escolar se efetive, precisa haver uma conscientização social, todos os membros que compõem a nossa sociedade devem procurar integrar-se sobre o assunto, procurar formas de intervir caso tenham contato com alguma pessoa que apresente a síndrome do autismo. Como explica Vygotsky, todos nós estamos intrinsecamente relacionados ao processo de constituição social do sujeito, através da mediação. É extremamente importante que enquanto sujeitos sociais nos relacionarmos uns com os outros:

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio em um sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são retratadas por meio do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por meio de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações história individual e história social. (VYGOTSKY, 1994, p. 40).

Todos nós somos responsáveis pelo processo de inclusão e de aprendizagem da criança autista. É preciso aprender a lidar com crianças que apresentam a síndrome do autismo. Sob esse aspecto a escola poderá adequar-se as necessidades e as especificidades destes alunos autistas também.

3. MÉTODOS

3.1 MÉTODOS DE ENSINO PARA O ALUNO AUTISTA.

Ao lidar com uma criança autista, muitas vezes o professor sente-se incompetente, pois cada criança é como uma ilha praticamente inacessível, cada uma presa ao seu próprio mundo. (COLL 1995, p. 11).

Com o avanço nos estudos a respeito do autismo, surgiram diversos métodos educacionais importantes para auxiliar a criança no processo de inclusão, são eles: TEACCH – Tratamento e educação para autistas e crianças com deficiências relacionadas à comunicação, PECS - (*The Picture Exchange Communication System*) - Sistema de Comunicação através de troca de figuras, ABA – Análise Aplicada do Comportamento, programa Son-Rise entre outros.

3.1.1 Método Teacch.

A divisão TEACCH tem origem americana, foi fundada em 1972 na Universidade da Carolina do Norte pelo Dr. Eric Schopler.

Com relação ao programa TEACCH, podemos citar que ele serve para especificar, definir e indicar, de forma operacional os conjuntos de reações comportamentais que devem ser trabalhados. Possibilitando o desenvolvimento de atividades que serão utilizadas para avaliar os aspectos referentes à organização e interação do comportamento, desenvolvendo assim o indivíduo nos diferentes níveis. O professor ou o profissional responsável pelo autista sempre será o mesmo, é ele quem manipula o ambiente, diminuindo ou até mesmo desaparecendo com comportamentos inadequados que possam surgir pela troca constante de profissionais. Este método utiliza estímulos áudio sinestésicos visuais, e audiovisuais para produzir comunicação.

[...] A metodologia de ensino se dá a partir da condução das mãos do aluno que faz uso dos símbolos, em um contínuo direcionamento de sua ação até que se encontre em condições (ou se mostre capaz) de realizar a atividade proposta sozinha, porém, com o uso do recurso visual. (ORRÚ, 2007, p. 61).

O método TEACCH possibilita a adequação do comportamento do autista ajustando-o através de sons, fotos e demais meios, atingindo o desenvolvimento comportamental deste. Cunha (2014) comenta que, as atividades aplicadas ao aluno autista não devem ser cumpridas com ênfase, deve-se levar em conta que a aprendizagem tem seus desafios e superações durante o processo, tem que ser considerado a autonomia da criança como ponto principal.

Os principais objetivos do método Teacch são:

- Ensinar a relação entre causa e efeito;
- Incentivar a comunicação;
- Ensinar habilidades para a vida adulta;
- Promover o máximo de independência reduzindo a ajuda do adulto;
- Promover clareza e sinalização do ambiente e tarefas;
- Apresentar visualmente instruções;
- Organizar a noção de fim;
- Manter a Rotina com flexibilidade;
- Respeitar a individualidade e ensinar habilidades em situações as mais próximas das naturais.

Através dos princípios do programa Teacch o educador consegue organizar ideias a fim de seguir a metodologia do programa, podemos citar como princípios: Para se ensinar novas habilidades é necessário adequar o ambiente às dificuldades do indivíduo; A colaboração entre família e escola é condição indispensável para o tratamento; Para que a intervenção seja eficaz é necessário colocar ênfase na habilidade e nas facilidades; A corrente teórica que fundamenta a prática educativa é a cognitivo-comportamental; A avaliação deve nos guiar pelas áreas de desenvolvimento; Os suportes visuais auxiliam na estruturação da forma de ensinar; A Previsibilidade organiza a mente caótica da pessoa com autismo.

Fundamentação básica:

- Preocupar-se com os interesses e facilidades do aluno;
- Realizar avaliação processual;
- Auxiliar o aluno na compreensão dos significados;
- Potencializar a comunicação com a família;
- Estruturar a forma de ensinar e apresentar as tarefas;

- Planejar estratégias de mudança comportamental mediante a análise funcional do comportamento.

Características do programa:

- Individualidade na programação do currículo;
- Instrução visual;
- Rotina com flexibilidade;
- Ambiente livre de hiper-estimulação;
- Ordenação universal (da esquerda para a direita/ de cima para baixo);
- Clareza nas ordens;
- Auto monitoramento provocando independência;
- Análise de tarefas como recurso de ensino e avaliação;
- Atividades e tarefas organizadas em sistemas de trabalho.

Dentre todos os pontos citados acima podemos destacar a respeito do método Teacch como fator fundamental a comunicação.

O autismo altera totalmente a forma como experimentamos e vivenciamos o ambiente a nossa volta. A nossa forma de lidar com os sentimentos e as coisas é totalmente diferente das interpretadas pelo autista. É extremamente complicada a relação de uma criança autista com as outras e principalmente expressar-se através de palavras devido ao isolamento que apresenta precisando constantemente de ajuda para comunicar-se. Algumas formas de proporcionar a comunicação:

Através de figuras e fotografias podemos ensinar a comunicação às crianças, elas devem entender que figuras, palavras e símbolos têm significados. Podemos iniciar a associação entre figuras e objetos utilizando jogos através dos quais se nomeiam os objetos. Na sequencia podemos expandir para atividades que utilizem o abstrato como fingir que está bebendo agua no copo utilizando-se de uma figura, e após passar para a ação real tal como literalmente beber a água no copo.

Podemos utilizar objetos: A ligação entre figura e objeto para algumas crianças torna-se difícilimo. Então no inicio usa-se um objeto real. Ela pode mostrar a necessidade de beber alguma coisa colocando o copo sobre a mesa.

Existem dois sistemas de figuras que podem ser usados: o sistema de comunicação através da troca de figuras melhorando a comunicação visual e o horário visual, onde se emprega uma sequencia de figuras para explicar uma serie

de eventos. Algumas não atingem esse estágio, mas os sistemas são de grande utilidade para muitas crianças.

Fazer uso da linguagem simples: Para as crianças com autismo nossa linguagem é muito complicada. Iniciar a comunicação chamando a criança pelo nome e utiliza-se de frases curtas e um vocabulário simples irá fazer maravilhas em alguns casos: Caio, dê o livro à professora é mais eficaz do que: Por favor, poderia me passar o livro?.

Ter contato frente a frente: As crianças reagem muito bem ao aproximamos delas e as olhamos nos olhos. Isso acontece com todas as crianças, mas para as crianças com autismo isso é muito importante. Como elas evitam constantemente o contato visual, isso acaba sendo interpretado como algo sem importância, se não vivenciarem o estímulo diariamente talvez nunca o aprendam.

Dar um tempo para o aluno responder: O autista tem problemas com relação ao processamento da linguagem. Ocorre que eles demoram mais para processar e interpretar a mensagem. Por esse motivo, é importante passar a informação pausadamente para que eles ouçam com atenção e possam pensar na resposta.

Usar os interesses e as aptidões do aluno: Estudar o comportamento do aluno, descobrindo suas aptidões e seus interesses podem auxiliar na elaboração de atividades para atingir seu desenvolvimento. Se ele mostra interesse por formas geométricas, criaremos atividades e jogos utilizando-as relacionando as formas com palavras ou símbolos.

A AMA – Associação de Amigos Autistas, fundada em 1983 na cidade de São Paulo utiliza o método Teacch.

3.1.2 Método ABA.

O método ABA - Análise aplicada ao comportamento, também considerado como terapia ABA, elaborado com base em evidências científicas, é considerado muito eficaz quando utilizado intensivamente com crianças autistas até os cinco anos de idade. Este trabalho intensivo requer de 10 a 30 horas semanal de terapia para obter resultados.

O termo ABA origina-se do inglês Applied Behavior Analysis, traduzindo para o português Análise do Comportamento Aplicada. A Análise do Comportamento está inserida na psicologia como uma linha teórica, trabalha com os comportamentos

observando-os e os modificando. Basicamente o método consiste em analisar o que aconteceu para saber como agir e modificar essa ação. Se o autista agride algum colega será analisado quando isso ocorreu, qual situação motivou, se há um aluno específico provocando essa alteração, para serem feitas avaliações e modificações no comportamento.

Esta técnica comportamental tem sua origem no campo científico behaviorista. Cunha (2014) comenta que o método consiste em ensinar o autista habilidades ainda não conhecidas, através de etapas rigorosamente registradas. Essas habilidades são associadas a uma instrução, mas se detectada dificuldades o aluno é induzido a obtenção das respostas, mas aos poucos essa ajuda devera ser retirada até que atinja a autonomia. Para a abordagem ABA a repetição se faz muito importante visando à intervenção comportamental, e todos os registros das tentativas e erros devem ser exaustivamente anotados para a obtenção dos resultados. Por meio das repetições e do esforço por parte do aluno, o comportamento incorreto é inibido, como consequência este aluno sente algo agradável ao conseguir superar algo. (CUNHA, 2014, p. 74).

A Doutora em Psicologia Comportamental e Terapeuta ABA Luiza de Moura Guimarães cita alguns procedimentos em ABA para serem utilizados no cotidiano do aluno autista:

1 – A Tentativa Discreta é constituída por três termos. Usemos como exemplo quando o terapeuta aponta para o braço e pergunta o que é aquilo para o que está apontando. O aluno responde, com ou sem ajuda, que é o braço. Em seguida, recebe um reforço positivo (recompensa) pelo sucesso na resposta, que pode ser um elogio.

2 – Ensino em Ambiente Natural. O aluno aprende a se comportar em situações naturais de um modo mais flexível, com certa liberdade, como por exemplo, o modo como interage com os colegas em um parque ou o modo como reage a uma resposta negativa dos pais.

3 – Ensino Incidental, o terapeuta se aproveita de situações que surgem no momento da terapia e do fato de que a criança está inclinada e se interessar a aprender habilidades adequadas, nomeação de letras, por exemplo.

4 – Encadeamento de Trás para Frente: Com esse tipo de ensino, o aluno vai aprender a se comportar diante de situações de autocuidado como escovar os dentes, ir ao banheiro, trocar de roupa, tomar banho, etc. Com o encadeamento, são

determinados passos simples de trás para frente, para que os do início sejam dicas para os últimos passos.

Com o uso cotidiano da Terapia ABA, os alunos e as pessoas envolvidas com ele, sentem-se bem à vontade ao realizar ações e tarefas, visto que as relações acontecem em seus ambientes naturais, desenvolvendo atividades com as quais já estão habituados, fazendo contato com pessoas conhecidas. Isso dá ao aluno autista confiança e sentimento de familiaridade.

Este método é eficaz desde que seja dada a devida atenção aos comportamentos que deseje mudar no aluno, é preciso respeitar a sequência do ensino ABA, chamamos de ABC do ABA, ou seja, o (A) são os antecedentes, as atitudes que antecederam um determinado comportamento, o (B) qual foi a resposta dada e o (C) podemos descrever como a consequência desse comportamento. Analisando esses três pontos, podemos agir diretamente buscando a correção comportamental do autista. Como podemos usar o método ABA em sala de aula:

DTT – Discrete Trials Teaching – sigla em inglês para Ensino por Tentativa Discreta que consiste em desmembrar uma sequência de aprendizado complicada em pequenos passos onde o professor ensina um de cada vez. Dadas às opções ao aluno este deverá indicar a resposta correta, caso não consiga encontrar a resposta o professor poderá intervir com a ajuda necessária, orientando ou até mesmo levando a mão do aluno até a resposta correta.

3.1.3 Método SON-RISE

Este método foi desenvolvido nos Estados Unidos na década de 1970 pelo casal Samahria Kaufman e Barry, por terem um filho com autismo severo e QI abaixo de 40. A partir de experimentos amorosos e intuitivos desenvolveram o método que em três anos e meio de intenso trabalho recuperou seu filho do autismo severo, a criança desenvolveu-se de maneira típica, cursou ensino superior. Por ter tido essa recuperação milhares de crianças e adultos utilizam o método SON-RISE, alguns mostrando completa recuperação.

Oferecendo uma abordagem educacional prática, ele se torna dos métodos existentes, o mais utilizado no Brasil. Segundo Tolezani (2010). “oferece uma abordagem educacional prática e abrangente para inspirar as crianças, adolescentes e adultos com autismo a participarem ativamente em interações divertidas,

espontâneas e dinâmicas com os pais, outros adultos e crianças” (TOLEZANI, 2010, p. 8).

O tratamento no programa SON-RISE procura buscar a profunda compreensão e a legítima apreciação da criança, do seu comportamento, sua comunicação, a capacidade de interação e principalmente seus interesses. Busca ligar o mundo convencional indo até o mundo do autista.

Ao fazer esta ligação o professor vê o aluno como um ser único, e não um indivíduo a ser consertado, e questiona-se de que maneira posso me comunicar e me relacionar com esse aluno? Ao passo que o autista sente-se seguro, ele aumenta sua receptividade para a interação que o professor busca.

Ao questionar-se, o professor adota um estilo de interação chamado responsivo, onde ele procura responder o aluno através dos sinais de comunicação oferecidos pelo próprio aluno, sejam verbais ou não verbais. Através da observação do estado de disponibilidade para a interação, constatamos qual é o comportamento em que se encontra este aluno, se está em estado repetitivo ou estado de isolamento, seja qual for o estado e que este não coloque o aluno em risco físico ou de outros colegas, o professor permite que o comportamento prossiga, com isso a criança satisfaz suas percepções sensoriais e autorregula-se, respeitando assim o ritmo dela conseguimos interagir fazendo o que a criança está fazendo naquele momento.

A criança percebendo a nossa aceitação repassa informações importantes acerca de seus interesses, suas necessidades e suas preferências sensoriais. O acúmulo de informações ajudará o profissional em momentos futuros na criação de atividades interativas que atendam as necessidades e preferências demonstradas pela criança.

O estilo responsivo trabalhado em sala de aula torna-se inovador, tendo em vista que os alunos autistas, na maioria dos casos, tem acompanhamento psicopedagógico através de instituições especializadas. Entendendo os motivos do isolamento desta criança e suas áreas de interesse, o professor consegue planejar atividades motivadoras facilitando o aprendizado da criança em sala de aula. (FITZGERALD, 2010)

Ao nos juntarmos com a criança, estamos nos disponibilizando para que ela interaja quando sentir-se a vontade. Quando percebermos sinais positivos para interação, um olhar em nossa direção ou prestar atenção no que estamos fazendo

ou até mesmo oferecendo contato físico, conseguimos obter o interesse em nós por parte dessa criança. Podemos então aproveitar esta oportunidade criando atividades interativas, entrando no mundo dela. Enquanto o aluno interage participando da atividade proposta, colocamos metas educacionais, propiciando o aprendizado através da brincadeira. Quanto mais motivadora for a brincadeira, maior será a participação da criança de forma divertida, assim conseguimos desenvolver suas habilidades fazendo com que consiga superar suas dificuldades.

Todo o método Son-Rise baseia-se na aprendizagem através da interação dinâmica, divertida e amorosa com ênfase na diversão. O programa Son-Rise tem sua marca registrada pelo grupo The Option Institute & Fellowship, com sede nos Estados Unidos.

3.1.4 Método PECS

O método PECS - (*Picture Exchange Communication System*) - Sistema de Comunicação através de troca de figuras, foi desenvolvido pelo Ph.D. Andrew S. Bondy e pelo M.S. Lori Frost em 1985. Vêm para auxiliar educadores, cuidadores e familiares, os materiais utilizados são baratos e de pouca complexidade, sendo facilmente utilizados para uma variedade de situações.

É muito eficaz para a criança que ainda não faz uso da comunicação oral, pois o método é baseado na visualização de figuras pelas quais ela irá apontar qual é a sua necessidade em dado momento.

No sistema PECS o aluno começa seu aprendizado entregando uma figura de algo desejado para o professor ou qualquer outra pessoa que esteja se comunicando, esta aceita e imediatamente realiza a tarefa da figura como uma resposta ao pedido. Com isso o aluno autista passa a interpretar as figuras e aprende a juntá-las formando sentenças complexas, ao modo que evoluem no PECS, esses alunos passam a responder e até fazer comentários. Alguns alunos que utilizam o método conseguem desenvolver a fala, outros mostram uma evolução positiva conseguindo emitir sons.

São sete etapas divididas de forma bem simples:

Fase I – Comunicação.

O aluno troca apenas uma figura para atividades ou objetos que almeja obter.

Fase II – Distância e persistência.

Ainda utilizando de uma figura, mas esta figura agora se encontra em um álbum de posse do aluno. Ele irá aprender a retirar esta figura e entregar a pessoa com quem está se comunicando, solicitando algo que deseja.

Fase III – União das figuras

Utilizando o álbum o aluno aprende a unir duas ou mais figuras para expressar seu desejo, assim a criança aprende a discriminar as diversas figuras do seu repertório.

Fase IV – Elaboração de frases.

Nesta fase o aluno faz uso de dois objetos, a figura e uma frase escrita em uma tira, se o aluno deseja algo ele usa a tira escrita “eu quero” unindo com a figura que represente seu desejo.

Fase V – Respondendo a perguntas.

Dando sequencia a fase anterior, eles irão aprender a responder “O que você quer?”.

Fase VI – Comentários

Os alunos aprendem a compor sentenças usando tiras com expressões “eu ouço”, “eu vejo”, “eu sinto”, em resposta aos questionamentos do professor tais como “o que você ouve?”, “o que você vê?”, “o que você sente?”.

Fase VII – Construindo frases

Adicionam-se outros parâmetros e conceitos na elaboração de frases complexas tais como “Eu quero a caixa de lápis”, “Eu sinto dor na barriga”, “Eu vejo um carro”.

Por ser considerado uma forma aumentativa de comunicação, percebe-se que as crianças atendidas pelo método PECS começam a falar devido o constante manuseio das imagens, repetindo a fala do professor diante das descrições das figuras, trabalhando a intenção comunicativa o método estimula o desenvolvimento da fala em alunos autistas.

3.2 A ROTINA.

Para o aluno autista seguir métodos de ensino é de grande importância, mas para que o aprendizado ocorra efetivamente temos que nos atentar para a rotina, o autista é um indivíduo extremamente repetitivo, se sua rotina for alterada pode ser totalmente estressante para ele, por isso é importante ter uma rotina bem estruturada, de forma previsível, quais atividades fará, o que vai acontecer, tentar evitar ao máximo mudanças repentinas, se algo acontecer inesperadamente o autista tende a apresentar comportamentos totalmente fora dos padrões, nervosismo, movimentos repetitivos, agressividade. Comportamentos gerados pelo stress provocado pela mudança repentina de sua rotina.

Diariamente a professora procura adequar a aprendizagem para que seja significativa para as suas necessidades. Riviére sugere que esse apoio também proporcione:

[...] uma rotina diária (visando facilitar a sequência e antecipação de eventos pedagógicos), murais compostos por cartões com figuras para apoio visual, e/ou atividades pedagógicas sistematizadas de forma lúdica, dentro de um espaço estruturado e direcionado individualmente ao educando. (RIVIÉRE. 1991, p.21).

De forma conjunta e diária entre o professor de sala e o professor de apoio é que são determinados os materiais e equipamentos necessários para auxiliar na aprendizagem das crianças com TEA. Os alunos com TEA utilizam os mesmos

materiais didático-pedagógicos dos outros alunos da sala de aula, os livros, cadernos, o computador na sala de informática não sendo necessárias modificações. Podem ser utilizados, em determinado momento, material dourado, blocos lógicos, jogos, alfabeto móvel entre outros recursos para facilitar a aprendizagem das crianças com TEA em alguns conteúdos. Tais materiais são importantes também para chamar a atenção da criança com TEA, dada a dificuldade, confirmada por Leboyer (1995, p.154), as crianças autistas têm necessidade em prestar atenção, em selecionar e em estocar informações.

Os autistas são exímios aprendizes visuais e a programação visual do seu cotidiano se dá através da rotina diária e pode ser de grande utilidade em sala de aula, principalmente para os mais jovens, para aqueles que têm a fala comprometida ou ausência da fala, com isso a rotina permite estabelecer a associação entre a atividade e o símbolo facilitando a compreensão e a comunicação.

A Rotina é um instrumento que demanda uma sequência de ações ou atividades cuja função é antecipar os acontecimentos do dia a dia de maneira organizada possibilitando autonomia e segurança para a criança autista. Deve ser elaborada de acordo com as suas necessidades ou interesses.

Sabendo que a rotina influencia diretamente o aprendizado do autista podemos inserir em sala de aula um quadro de rotinas diárias na forma do método PECS, ela vai nortear todas as ações dentro da sala de aula, contribuindo para antecipar as atividades diárias, ampliando a comunicação e estimulando a interação do aluno com seus colegas. Para o autista, a Rotina garante saber o que vem depois, estimula o aprendizado, aumentando a atenção e concentração, promovendo a organização do seu cotidiano.

Como exemplo de rotina, podemos sequenciar: entrada, atividades, lanche, higiene, recreio, educação física, saída. Para a confecção da Rotina, podem ser usados cartões com figuras indicando as atividades (Método PECS), fixando-os no mesmo local todos os dias. O aluno recebe uma cópia da rotina e outra cópia é entregue a seus familiares responsáveis para que saibam o que aconteceu na escola, estimulando também a conversa com o filho sobre os acontecimentos na escola.

3.3 A LEITURA E A ESCRITA.

Em sua literatura Roncero (2001) afirma que: [...] a leitura e a escrita supõem para pessoas com autismo uma poderosa ferramenta de acesso ao mundo dos significados e à multiplicidade de conhecimentos que pela vida verbal resultam de difícil assimilação. (RONCERO, 2001 p. 84).

A criança com autismo tem dificuldade em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas quando participam de um programa intenso de aulas ocorrem mudanças significativas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e a aprendizagem. (GAUDERER 1987).

O nível do desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. (SANTOS, 2008, p. 30)

Existem várias maneiras de se ensinar a escrita. Como o aprendizado do aluno autista é extremamente visual podemos utilizar o alfabeto impresso em cartões, para aqueles que ainda não conseguem segurar o lápis o professor monta a palavra e o aluno reproduz a mesma localizando os cartões correspondentes a cada letra da palavra sugerida. Para os que já seguram o lápis podemos usar os mesmos cartões colocando-os em cima de uma folha, retiramos algumas letras da palavra sugerida assim o aluno irá completar as letras que faltam escrevendo. Com esta técnica podemos iniciar a alfabetização através da escrita do seu nome e dos seus familiares.

As estratégias de sala de aula deverão ser feitas em quatro áreas: área do aprendizado, onde a criança recebe instruções; área de trabalho independente, área de descanso ou lazer e área de rotina diária, sempre respeitando as características da criança.

O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu potencial, de acordo com sua idade e de acordo com o seu interesse. Se a criança estiver executando uma atividade nova de maneira inadequada, é importante a intervenção rápida do professor, mesmo que para isso seja necessário segurar a mão da criança ou até mesmo dizer-lhe a resposta. (PEETERS, apud SANTOS 1998, p. 32).

Levando em consideração o estágio de desenvolvimento de cada aluno, o professor aplica a atividade utilizando dos meios citados acima, percebendo que a criança está conectada e com grande expectativa pela parte divertida da atividade, aproveitando deste momento o professor solicita algo com relação a letras ou números.

Cada aluno autista tem motivações e interesses diferentes, tanto quanto seus estágios de desenvolvimento, tornando assim um desafio a ser superado em relação às diversas atividades propostas. Por isso é muito importante prestar atenção nas motivações individualmente para corrigindo os erros e assim proporcionar ao autista a oportunidade de progredir, superando cada obstáculo da vida.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que os métodos apresentados são eficazes para auxiliar no aprendizado do aluno autista. Através da leitura de diversas bibliografias foram escolhidos quatro métodos os quais são mais utilizados para intervenção educacional com autistas no Brasil e no exterior, os métodos estudados foram o método TEACCH – Tratamento e educação para autistas e crianças com deficiências relacionadas à comunicação, PECS - (*The Picture Exchange Communication System*) - Sistema de Comunicação através de troca de figuras, ABA – Análise Aplicada do Comportamento, e o programa Son-Rise.

Os métodos nos mostram a importância da inclusão do autista visto que eles são detentores de inteligência e esta inteligência só será ampliada aplicando atividades específicas para cada caso, através de criteriosa análise do aluno autista.

Podemos concluir que respeitando a diversidade estamos promovendo a igualdade de oportunidades com relação ao desenvolvimento no âmbito da autonomia e da cidadania. A inclusão educacional vem crescendo cada vez mais, não só nacionalmente, mas mundialmente, muitos países estão se comprometendo com a causa.

Através da inclusão das crianças com algum tipo de deficiência na sala de aula, estamos efetivando os direitos adquiridos por estas crianças de estarem frequentando as aulas com os mesmos direitos das outras. Esse processo não deve parar com o professor, mas deve estender-se até a família, a sociedade e principalmente os governantes que são os criadores das leis.

Mas apenas leis e comprometimento não bastam, para promover a prática pedagógica com qualidade é necessário que os professores recebam formação adequada e continuada. Pois são eles os responsáveis por agir diretamente com o indivíduo promovendo sua evolução no âmbito educacional, pessoal e profissional.

Crianças com Transtorno do Espectro Autista tem na família o primeiro grupo sociocultural, onde ocorrem as primeiras formas de afetividade. Este desenvolvimento sócio cultural se amplia quando acontece a parceria entre família e escola, nessa troca de informações acontece o desenvolvimento positivo da criança.

A criança nasce autista e torna-se um adulto autista, sendo assim, o autismo é uma condição permanente. Cada pessoa autista é única e capacitada ao aprendizado.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, N. W. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1986.

BEYER, H. O. **Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas**. In: BAPTISTA, C. R. (Org.) **Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 73 - 81.

BRASIL. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015 - **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Julho 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 12 out. 2017.

_____. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO: Sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: CORDE, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 11 out. 2017.

_____. Conselho Nacional De Educação. **DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA**. CNE/CEB Brasília: Distrito Federal, 2001.

_____. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>> Acesso em 09 out. 2017.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 18 out. 2017.

BEZERRA, Z.F.; SENA, F. A.; et al. **Comunidade e Escola: reflexões sobre uma integração necessária**. Educar em Revista. Curitiba, PR., v.26, n.37, p. 279 - 291, maio/ago 2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewArticle/12695>> Acesso em: 18 out. 2017.

CASTRO, Celia de. **Recursos Alternativos Para a Inclusão De Crianças Com Autismo No ensino Regular**. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4727/1/MD_EDUMTE_II_2012_24.pdf> Acesso em 11 out. 2017.

COLL, C. et al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – idéias e práticas pedagógicas**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Wak, 2013.

_____. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 5ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Wak, 2014.

CRUZ, T. **Autismo e Inclusão: Experiências no Ensino Regular**. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

FITZGERALD, S. **Incorporando as estratégias do estivo responsivo na escola.** Disponível em: <<https://www.inspiradospeloautismo.com.br/a-abordagem/o-estilo-responsivo-na-escola/>>. Acesso em 24 out.2017.

GUIMARÃES, Luísa de M. **O Uso da Terapia ABA em Situações Cotidianas.** Disponível em: <<https://www.terapiaaba.com.br/single-post/2016/07/31/O-uso-da-terapia-ABA-em-situações-cotidianas>>. Acesso em: 24 out. 2017.

CLUBE MATERNO - **O Autismo e a Importância da Rotina.** Disponível em: <<http://clubematerno.net/2015/10/28/o-autismo-e-a-importancia-da-rotina/>>. Acesso em: 26 out. 2017.

CUTLER, B; DOROTY, L. **Naturalistic Focused Stimulation Intervention for Communicative Impairments in Autism.** Ossfeac. Huron, OH. 2000.

GAUDERER. E. C. **Autismo Década de 80.** Ed. Almed, São Paulo, 1987.

GOMES, Camila G. S. **Desempenhos emergentes na aquisição de leitura funcional de crianças com autismo.** 2007. 198 Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2975/1674.pdf?sequence=1>> Acesso em: 10 out. 2017.

GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. **Transtornos de aprendizagem e autismo.** Cultural, S.A, 2014.

INSTITUTO PENSI. **História do autismo.** Disponível em: <<http://autismo.institutopensi.org.br/informe-se/sobre-o-autismo/historia-do-autismo/>>. Acesso em: 11 out. 2017.

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos.** Campinas – SP: Ed. Papyrus,1995.

LIRA, Solange M. de. **Escolarização de alunos autistas: histórias de sala de aula.** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Solange_Maria_de_Lira-ME.pdf> Acesso em: 10 out. 2017.

LONGO, Jenifer. **Inclusão dos autistas nas escolas.** Disponível em: <<http://www.psicologiasdobrasil.com.br/inclusao-dos-autistas-nas-escolas/>> Acesso em: 11 out. 2017.

MACHADO, R. **Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas.** 1ed. São Paulo, Ed. Cortez, 2009.

MANTOAN, Maria T. **Autismo e escola: Os desafios e a necessidade da inclusão.** Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao>> Acesso em: 10 out. 2017.

_____. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema.** São Paulo: Ed. Memnon, 1997.

MAPURUNGA, Alexandre. **Autismo e escola: Os desafios e a necessidade da inclusão.** Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/autismo-escola-os-desafios-necessidade-da-inclusao>> 2014. Acesso em: 10 out. 2017.

MARA, C. **Desafios do Aprender – Atividades Programa Teacch.** Disponível em: <<http://abccclaudiamara.blogspot.com.br/2015/02/atividades-metodo-teacch.html>> Acesso em 23 out. 2017.

MESQUITA, V. S., CAMPOS, C. C. P. **O Método Son-Rise e o Ensino de Crianças Autistas.** Disponível em: <periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/download/16975/pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

Método PECS - (Picture Exchange Communication System) - Sistema de Comunicação através de troca de figuras. Disponível em: <<http://www.pecs-brazil.com/pecs.php>>. Acesso em 25 out. 2017.

ORRÚ, Ester S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2007.

_____. **Autismo: o que os pais devem saber?** 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2011.

PEETERS, T. **Autismo: entendimento teórico e intervenção educacional.** Rio de Janeiro: Ed. Cultura médica, 1988.

PONTELLO, Nilva. **Autismo No Contexto Escolar: Dicas Para Trabalhar Com Crianças Autistas.** Disponível em: <<http://autismoatividades.blogspot.com.br/2014/06/dicas-para-trabalhar-com-criancas.html>> Acesso em 11 out. 2017.

PRAÇA, Édia T. P. de O. **Uma Reflexão Acerca da Inclusão de Aluno Autista no Ensino Regular.** 2011. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, abril 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/mestradoedumat/files/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-E-lida.pdf>> Acesso em: 18 out. 2017.

RITVO, E. R. & FREEMAN. B. J, (1984) **A medical model of autism- Etiology, pathology and treatment.** *Pediatric Annals* , 1 (3):298-3051

RIVIÉRE, Angel. **O desenvolvimento e a educação da criança autista.** 1991.

RONCERO, R. V. **Puedem aprender a ler y escribir las personas com autismo?** Argentina: Ed. Fundec, 2001.

SANTOS, Jussara G. **História da Avaliação: do exame a avaliação diagnóstica.** TCC (Trabalho de Conclusão de Curso Em Pedagogia) Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL/MEC. REVISTA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Inclusão**. Janeiro/Junho, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revinclusao5.pdf>> Acesso em: 18 out. 2017.

SERRA, Dayse. **Sobre a Inclusão de Alunos Com Autismo na Escola Regular: Quando o Campo é Quem Escolhe a Teoria**. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 1 n. 2, p. 163-176, jul./dez. 2010.

SOUZA, Lucas L. L. de. et al. **IV COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: Os desafios da Inclusão de Alunos Autista Nas Escolas Publicas da Cidade de Picos**. Ed. Realize. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA7_ID771_05052015004659.pdf> Acesso em 18 out. 2017.

TOLEZANI, Mariana. **Son-Rise uma abordagem inovadora**. Revista Autismo: informação gerando ação, São Paulo, ano 1, nº 0, p. 8-10, setembro de 2010.

UCHÔA, Yasmim F. **A Criança Autista na Educação Infantil: Desafios e Possibilidades na Educação Inclusiva**. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2015. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7959/1/PDF%20-%20Yasmim%20Figueiredo%20Uch%C3%B4a.pdf>> Acesso em 17 out. 2017.

VASCONCELOS, Telma A. **Atendimento Educacional Especializado – Rotina Para Autista**. Disponível em: <http://aee2013telma.blogspot.com.br/2014/06/rotina-para-autista_5.html> Acesso em 11 out. 2017.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1994.

WERNER, Andréa. **Autismo Na Escola: 10 Recursos Fáceis**. Disponível em: <<http://lagartavirapupa.com.br/autismo-na-escola-10-recursos-faceis/>>. Acesso em 05 out. 2017.